

O espaço rural ou campestre na poética ceciliana

José de Mota de Souza
Márcia Manir Miguel Feitosa

RESUMO

O espaço rural ou campestre até o Romantismo foi muito explorado pelos poetas, perdendo destaque como elemento espacial do fazer poético com o advento da era moderna, sobretudo com o surgimento do Modernismo no século XX, no qual a cidade é o espaço escolhido para situar as experiências do eu-lírico. Em face desse quadro da poesia moderna, este trabalho busca analisar a relação experiencial do eu ceciliano com o espaço rural ou campestre, para evidenciar que, apesar do grande interesse dos modernistas pela atmosfera citadina, alguns poetas, como Cecília Meireles, souberam explorar temas já consagrados pela literatura. A poesia de Cecília Meireles, como salienta Damasceno (1958), transita com destreza entre a tradição e a modernidade, o que lhe confere, segundo Mário de Andrade (1958), ecletismo, podendo dessa maneira escolher com rara independência o que de melhor se ajusta à sua poética. O espaço rural ou campestre possui grande relevância na poética ceciliana, sendo resgatado de maneira seminal em *Romanceiro da Inconfidência* (1965). Para analisar a relação experiencial do eu ceciliano com esse espaço, os estudos da Geografia Humanista Cultural mostram-se muitos pertinentes, visto que, a partir dos conceitos de “geograficidade”, cunhado pelo geógrafo Eric Dardel (2011), e de “topofilia”, de acordo com a perspectiva experiencial de Yi-Fu Tuan (2012; 2013), podemos perceber de que forma o eu ceciliano experiencia o espaço rural ou campestre. Cabe ressaltar que, além de destacarmos o conceito de “espaço”, discutiremos também o conceito de “paisagem” que abarca todos os espaços estudados por Dardel, pois “a paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como o ambiente terrestre” (2011, p. 30). É na paisagem que o Homem pode descobrir-se ligado intimamente à Terra e habitá-la. Assim, nosso trabalho, em função da interdisciplinaridade entre literatura, geografia e filosofia, em especial a fenomenologia, visa a essa relação que emerge na poesia ceciliana.

Palavras-chave: Representação. Espaço rural ou campestre. Paisagem. Cecília Meireles. Geografia Humanista Cultural..

Introdução

Cecília Meireles é, reconhecidamente, uma das maiores poetas de língua portuguesa. Sua obra é marcada pela densa relação com a natureza, porque cada poesia, sobretudo a da fase da maturidade, alude de alguma maneira ao universo da potência da natureza. O eu-lírico ceciliano quase sempre é tocado por um chamado desse universo, em forma simplesmente de reflexão ou numa conjunção com o espaço no qual o eu-lírico está. Em nosso trabalho, debruçamo-nos sobre a segunda perspectiva a partir da análise do espaço campestre ou rural, cuja característica essencial é uma forte ligação com a natureza, opondo-se à vida na cidade.

Ao valer-se da natureza em seus poemas, Cecília afasta-se do culto à cidade, tão pregado pelos modernistas. Aproxima-se, com isso, da tradição de uma poesia na qual a natureza não é só um pormenor, mas o fundamento da criação poética. Entretanto, alertando para a disciplina das sensações que há na poesia cecilianiana, Darcy Damasceno (1972, p. 19) assevera que “a magia verbal, por mais fascinante, não deixa em nenhum momento confundidos contemplador e objeto contemplado, criador e obra recriada; em meio ao sortilégio conserva o mago a consciência de sua arte”. Há, portanto, um equilíbrio entre ser e natureza. Presenciamos, nesse arranjo poético, um estado de cumplicidade desejado e/ ou vivido pelo eu-lírico. Consoante a Geografia Humanista Cultural, estabelece-se uma geograficidade (cumplicidade, amor pelo lugar) entre ser e espaço.

Nosso trabalho guia-se por essa proposta de unir Literatura e Geografia para analisar de que maneira decorre a experiência de cada eu-lírico nos três poemas escolhidos. A vertente da Geografia que está no escopo deste trabalho pauta-se, como veremos a seguir, na fenomenologia. O enfoque experiencial, que subjaz aqui, constitui-se como o cerne desses novos estudos geográficos e suas inúmeras inter-relações com outras áreas do conhecimento, por isso o que sobressai, na análise dos poemas “Lembrança rural”, “Idílio” e “Trabalhos da terra”, do livro *Vaga música* (2001), é a tentativa de trazer à superfície as relações de geograficidade e/ ou de topofilia que só a experiência é capaz de despertar.

2 Espaço, lugar e paisagem: a experiência do homem com a terra

É a partir da fenomenologia que os geógrafos pensarão o espaço geográfico sob o viés da experiência humana. O estreitamento entre Geografia e Fenomenologia foi destacado por Relph, na década de 1970, como “método fenomenológico [...] utilizado para se fazer uma descrição vigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade reconhecer as ‘essências’ da estrutura perceptiva” (HOLZER, 2008, p. 140 – grifo do autor), permitindo uma nova visão a respeito da relação homem e espaço.

Com Dardel, nasce o primeiro neologismo para referir-se ao laço íntimo Homem-Terra: geograficidade. Como assinala o próprio Dardel: “amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, pp.1-2). Esse pensamento é o princípio do encontro e do estreitamento das reflexões geográficas dirigidas às atitudes dos seres humanos com seus espaços. Nesse caso, o ambiente vivido e existencial, onde o *Homem e Terra* são cúmplices na construção da história humana. Procuramos uma direção para partilharmos o nosso sentimento com a Terra. Um reconhecimento surge antes do ato de tê-la, porque:

O espaço terrestre aparece como a condição de realização de toda realidade histórica, que lhe dá corpo e assinala a cada existente o seu lugar. É a Terra que, podemos dizer, *estabiliza* a existência.
[...] O homem procura a Terra, a espera e a chama com todo o seu ser. Antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai adiante dela e a reconhece. (DARDEL, 2011, p. 43 – grifo do autor)

Dardel vê a realidade geográfica como um evento/ acontecimento, isto é, os elementos geográficos não nos são apresentados como objetos, estão livres também de toda interferência humana – suas qualidades naturais não podem ser alteradas. Devemos, portanto, percebê-los em si – queridos ou não. Em determinado lugar onde estamos, somos levados a um encontro com a Terra que um dado

elemento, em sua forma e potência, impõe “à minha percepção [...]”, estruturando “de modo radical ou elementar não apenas minha experiência, mas também meu pensamento sobre o mundo a partir deste lugar” (BESSE, 2006, p. 88). Esse aspecto evidencia a visada fenomenológica empreendida por Dardel, o que rompe de forma contundente com as perspectivas geográficas em voga na época:

[...] a geografia, entendida fenomenologicamente, não está à procura de significações ocultas por *detrás* dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo. A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o *meio* do sentido. (BESSE, 2006, p. 89 – grifos do autor)

O pensamento de Dardel permaneceu por muito tempo distante dos debates acerca da geografia, por ser visto “como um esforço isolado de um pensador pouco conhecido” (BESSE, 2011, p. 111). Sua obra principal, *O Homem e a Terra*: natureza da realidade geográfica, publicada originariamente em 1952, só ganhou a devida atenção em 1986 a partir da tradução para o italiano. Talvez esse fato também se explique por ter sido Dardel, como salienta Besse, um geógrafo sempre à margem dos grandes centros de discussão, nos quais confluíam as várias vertentes da geografia.

Fora o destaque dado aos espaços material, telúrico, aquático, aéreo e construído, a paisagem¹ revela-se como ponto essencial para Dardel, de sorte que é onde culmina a totalidade da afetividade dominante, isto é, a gênese da geograficidade em sua carga eminentemente humana (DARDEL, 2011). A possibilidade de o homem estar inserido no mundo e poder perceber-se no e com o ambiente vivido, originando sentimentos, dá-se a partir da paisagem, entendida como constante abertura de sentido e da própria história (BESSE, 2006). É a ideia do *Dasein* heideggeriano que permite esse olhar de Dardel sobre o homem em cumplicidade com a Terra. Tomada pelo enfoque heideggeriano, a paisagem é onde emerge toda a potencialidade característica do espaço vivido. Este, por mais que seja analisado por Dardel à parte, está presente em todos os espaços por ele estudados, já que a cumplicidade entre o Homem e a Terra só é possível a partir da existência, como já vimos acima.

Após estudos desenvolvidos por Dardel, temos, na década de 1970, a publicação de dois marcos que ampliariam os avanços da Geografia Humanista Cultural: os livros de Yi-Fu Tuan: *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (1974) e *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência (1977)². O primeiro destaca-se por explorar as ligações afetivas e perceptivas que contrairíamos com o lugar do qual fazemos parte ou no qual permanecemos por um breve tempo. Logo, com a explicação do termo “topofilia”, temos a dimensão das concatenações de Tuan: “a palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material. Esses diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão” (TUAN, 2012, p. 136). O sentimento topofilico origina-se tanto das respostas do

1 “Antes então da instituição de qualquer experiência visual, antes de qualquer espetáculo, e dando ao espetáculo sua verdadeira dimensão, a paisagem é expressão, e, mais precisamente, expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque ela é a marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano. A paisagem é essencialmente mais mundo do que natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra.” (BESSE, 2006, p. 92)

2 As citações das referidas obras, nesta pesquisa, estão baseadas nas novas reedições de 2012 e de 2013.

homem ao ambiente quanto das suas produções imagéticas, oferecidas sensório e perceptivamente. Isso impulsiona a apreciação da paisagem em relação à sua percepção imediata:

A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura, além do efêmero, quando se combina o prazer estético com a curiosidade científica. O despertar profundo para a beleza ambiental normalmente acontece como uma revelação repentina. Esse despertar não depende muito das opiniões alheias e também, em grande parte, independe do caráter do meio ambiente. A cena simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam despercebidos e este novo *insight* na realidade é, às vezes, experienciado como beleza. (TUAN, 2012, p. 139)

Já em *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência, as reflexões de Tuan estão pautadas na experiência, a qual deve ser estudada/ vista na relação sinérgica entre sentimento e pensamento:

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. (TUAN, 2013, p. 19)

Podemos, portanto, no percurso pelo espaço, ter várias pausas das quais criaremos um lugar, de acordo com as experiências que desenvolvemos em contato com os ambientes e pessoas que deles fazem parte. Logo o fato de a experiência ser “constituída de sentimento e de pensamento” é crucial para a estruturação do mundo humano, sobretudo, quando tratamos da delimitação dos limites de espaço e lugar, fundamentais para os estudiosos da Geografia Humanista Cultural. Espaço e lugar são distintos, sendo que nosso trânsito maior ocorre no espaço, porque é movimento; enquanto o lugar consiste na pausa. Ademais o homem está intrinsecamente ligado ao meio de que faz parte, haja vista que “o espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual” (TUAN, 2013, p. 77). Se pensarmos somente lugar como um ponto final, prescindiremos de toda riqueza das mais variadas vivências e situações que o espaço proporciona. Destarte, o lugar também perderá seu sentido. O espaço direciona-nos para o amadurecimento biológico e, sobretudo, o psicológico, o que nos permite pensar o lugar de forma mais sólida e duradoura. É disso que se nutre a Literatura enquanto registro artístico e poético da experiência humana. Os três poemas de Cecília Meireles, escolhidos para a análise, revelam algumas facetas da cumplicidade que o homem estabelece com os espaços geográficos. Conforme já ressaltamos, escolhemos tratar da experiência de cada eu-lírico como o espaço campestre.

3 Pela geograficidade do campo

O campo remete-nos ao espaço telúrico do qual fala Dardel (2011, p. 14 – grifo do autor), porque “sendo matéria, ele implica numa profundidade, numa espessura, numa *solidez* ou numa plasticidade que não são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontradas numa experiência primitiva”. Os homens são, em sua grande maioria, ligados a esse espaço, haja vista que, para experimentar os espaços aquático e aéreo, necessitam aventurar-se, evadir-se dos domínios telúricos. Mesmo o espaço construído, estudado também por Dardel, está direta ou indiretamente integrado ao espaço telúrico. Foi sobre a terra, ou melhor, sobre a crosta terrestre, que o homem tornou-se um construtor de sociedades e decidiu explorar outros espaços. Não desviando de tal origem, a poesia cecilianiana resgata de certa maneira a primitividade humana com a terra.

O poema “Lembrança rural”, presente no livro *Vaga música* (1942), talvez seja de toda a obra cecilianiana o mais imbuído da potência telúrica:

Chão verde e mole. Cheiros de selva. Babas de lodo.
A encosta barrenta aceita o frio, toda nua.
Carros de bois, falas ao vento, braços, foices.
Os passarinhos bebem do céu pingos de chuva.

Casebres caindo, na erma tarde. Nem existem
na história do mundo. Sentam-se à porta as mães descalças.
É tão profundo, o campo, que ninguém chega a ver que é triste.
A roupa da noite esconde tudo, quando passa...

Flores molhadas. Última abelha. Nuvens gordas.
Vestidos vermelhos, muito longe, dançam nas cercas.
Cigarra escondida, ensaiando na sombra rumores de bronze.
Debaixo da ponte, a água suspira, presa...

Vontade de ficar neste sossego toda a vida:
bom para ver de frente os olhos turvos das palavras,
para andar à toa, falando sozinha,
enquanto as formigas caminham nas árvores...

(MEIRELES, 2001, p. 354)

Composto em quatro quadras, o poema caracteriza-se não somente por sua relação com o espaço telúrico, mas também pela relação com o espaço construído, pois, conforme Dardel, o campo é uma maneira de construção de espaços pelo homem. Desse modo, “Lembrança rural” opõe-se ao movimento agitado e frenético das grandes cidades, inserindo-nos no contexto da vila/ cidade onde os modos de vida são simples, rodeados por todos os elementos da natureza: flora e fauna participam integralmente das diversas atividades desse homem rural. Darcy Damasceno (1972, p. 39) salientou que:

a visão da natureza física não é, na poesia de Cecília Meireles, apenas pormenorizada; também panorâmica. Ademais da meticulosidade na inventariação das coisas, ocorre nela a pintura larga, policrômica, na qual se retrata um cenário de árvores, nuvens, rios, bichos e homens.

Panorâmico, o poema descortina detidamente o espaço campestre. Na primeira quadra, o eu-lírico não se detém num pormenor, contudo expõe-nos o amálgama quase simbiótico da relação entre natureza e homem. O elemento aquático desencadeia essa vida em estado primitivo, revelada pela chuva, haja vista que, “lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal” (DARDEL, 2011, p. 19). É a água o elemento responsável por despertar os cheiros, dessa forma é possível sentir com intensidade “cheiros de selva”. A primeira quadra inteira evoca os cinco sentidos fundamentais para a experiência, a fim de o eu-lírico experienciar o espaço campestre em pleno estado de cumplicidade. No primeiro verso, a visão (“verde”), o tato (“mole”), o olfato (“cheiros”) encaminham-nos aos outros dois sentidos evocados, a audição (“falas ao vento”) e o paladar (“bebem do céu pingos de chuva”). Os sentidos, para acentuar o laço entre natureza e homem, emanam de todos os elementos presentes na primeira quadra.

Se somos tomados pelas sensações evocadas pelo eu-lírico na primeira quadra, na segunda, o eu-lírico contempla a calmaria do campo após a passagem da chuva. Ser contemplativo não implica estar inerte e apartado do espaço, mas permite que a experiência seja elevada ao nível do pensamento, pois, de acordo com Tuan (2013, p. 18), a experiência é “uma criação de sentimento e pensamento”. Somente assim o eu-lírico pode perceber o campo como um espaço único, no qual não há preocupações em demasia; apenas a natureza, em sua potência, movendo seus habitantes, esquecidos do mundo no qual as preocupações amontoam-se e as necessidades multiplicam-se freneticamente. O esquecimento que o eu-lírico evoca não é apenas em relação aos habitantes das grandes cidades, mas também em relação aos habitantes do próprio campo. Há, todavia, diferenças nos sentidos: enquanto, para os cidadãos, o esquecimento refere-se ao ato de não conhecer ou não saber da existência do campo (“Nem existem/ na história do mundo.”), para os habitantes campestres (ou camponeses), o esquecimento configura-se como a marca do hábito já enraizado por eles – tão integrados ao espaço telúrico, que nem percebem os detalhes a sua volta. Quando a noite anuncia-se, o eu-lírico, em estado reflexivo, percebe que “é tão profundo, o campo, que ninguém chega a ver que é triste”. A vida despertada pela chuva é escondida pela noite, o campo é, então, resguardado pela própria natureza. Homens e mulheres cuidam, desse modo, dos seus trabalhos como se tudo continuasse igual.

Com o anúncio da noite, as coisas e os seres começam a acomodar-se. Na terceira quadra, o eu-lírico presencia o tempo, característico do espaço campestre, tomando conta de tudo, porque tudo cede ao estado da primitiva tranquilidade. Tempo lento, afeito igualmente aos desígnios da natureza, oferta ao eu-lírico a acolhida, enfim, do espaço campestre que o atrai, visto que “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar” (TUAN, 2013, p. 219). Envolvido pelo espaço telúrico, o campo, o eu-lírico começa, na terceira quadra, a transformá-lo em lugar, ou seja, a senti-lo como aconchego, proteção e também como cúmplice. Enquanto “a água suspira, presa”, o eu-lírico ensaia/ experimenta, como a cigarra, a liberdade de perceber-se longe da vida cidadina, fruindo a lentidão e o silêncio que só encontra no campo.

Na quarta quadra, o eu-lírico é tomado, de fato, pela sensação de lugar. Todas as sensações evocadas na primeira quadra, a sensação de resguardo (pelo esquecimento) na segunda quadra, os acontecimentos calmos e lentos na terceira quadra, tudo isso alimenta a “vontade de ficar neste sossego toda a vida”. O eu-lírico, por meio da sua percepção, evidencia que “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 2013, p. 29). Ser meditativo e de palavras, o eu-lírico revela-nos seu desejo de contemplar os mistérios das palavras, de “andar à toa, falando sozinha”, sem ser tolhido pelas perturbações e preocupações da cidade veloz, cheia de luzes e dos barulhos das invenções humanas. É o desejo de poder expor seu íntimo sem moldá-lo às circunstâncias volúveis que a cidade impõe-lhe, deixando-se livre junto à natureza.

Cecília Meireles, por preferir a natureza à cidade, tão aclamada por seus contemporâneos, escreveu poucos poemas nos quais a cidade é tematizada, por isso “parece menos entusiasmada e até um pouco cética em relação à modernidade” (SADLIER, 2007, 252). Cantos às invenções que impulsionam a vida urbana ou reflexões relacionadas ao cotidiano dos habitantes da cidade não constituem a verve da poesia ceciliana, visto sua urgência pela ligação íntima e, em certo ponto, absoluta com a natureza, isto é, a Terra. É uma necessidade latente no eu ceciliano que o conduz à vida em estado primitivo. Necessidade trazida à tona pelo eu-lírico do poema “Idílio”, também do livro *Vaga música*:

O espaço rural ou campestre na poética ceciliana

Como preciso de campo,
de folhas, brisas, vertentes,
encosto-me a ti, que és árvore,
de onde vão caindo flores,
sobre os meus olhos dormentes.

Encosto-me a ti, que és margem
de uma areia de silêncios
que acompanho pelo tempo
verdes rios transparentes:
tua sombra, nos meus braços,
tua frescura, em meus dentes.

Nasce a lua nos meus olhos,
passa pela minha vida...
– e, tudo que era, resvala
para calmos ocidentes.
Caminhos de ar vão levando
pura e nua essa que andava
com as roupas mais diferentes.

Olham pássaros, das nuvens,
entre a luz dos mundos firmes
e a das estrelas cadentes.
E o orvalho da sua memória
vai recobrando o meu rosto
com um tremor que eu conhecia
nos meus olhos já levados,
idos, perdidos, ausentes...

(Leve máscara de pérolas
na minha face não sentes?)

(MEIRELES, 2001, p. 387-388)

Revelando o intenso sentimento do eu-lírico, o primeiro verso apresenta-nos o campo enquanto um chamado do seu íntimo, pois “o homem procura a Terra, ele a espera e a chama como o seu ser. Antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai adiante dela e a reconhece” (DARDEL, 2011, p. 43). Desse chamado, o eu-lírico elege três elementos característicos do espaço campestre: as árvores, os rios e a noite. Altamente significativos para a geograficidade do eu pelo campo, esses elementos, segundo Chevalier e Gheerbrant (2016), correlacionam-se de alguma forma por evocarem, respectivamente, regeneração, renovação e preparação, movendo a vida do eu-lírico, para que reavive no seu ser os laços de outrora com o espaço cujo chamado não pode negar.

Na estrofe inicial, a árvore representa o enraizamento com toda a atmosfera do espaço campestre, haja vista que:

põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície, através do seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 84)

É nela que o eu-lírico principia sua busca pela geograficidade resguardada há muito tempo em si. Cada nível está presente no poema, cujos elementos evocam e trazem aos poucos a lume, despertando os sentidos do eu-lírico à medida que ele envolve-se com cada um. A árvore, por meio de suas flores, acorda os olhos para a vida pulsante do campo, libertando-nos do estado de dormência. Depois da experiência tátil e do paladar que o rio proporciona-lhe a partir da margem, a visão pode, de fato, tornar-se mais aguçada, porque, com o advento da noite, recebe a luz (lançada pela lua) de que precisava para a memória reavivar o que estava adormecido.

Parece haver, na terceira estrofe, uma espécie de purificação, provocada certamente pelos sentidos. As palavras “pura” e “nua” denotam muito bem a intensidade com a qual a natureza, em sua inteireza, despe o eu-lírico de todas as coisas trazidas por ele, quando reencontrou o campo. Tudo, por conseguinte, que o liga ao (s) espaço (s) divergente (s) da atmosfera campestre deve ser prescindido, para que a memória desperte “a consciência do passado”, “[...] elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 2012, p, 144). Tal memória só surge na quarta estrofe, cobrindo o rosto do eu-lírico de lágrimas (“orvalho”), que retornam em forma de “máscara de pérolas” no dístico que finda o poema. O dístico, por estar entre parênteses, assemelha-se a um murmúrio lançado ao próprio campo, como se o eu-lírico esperasse do espaço uma resposta por ter, enfim, reencontrado os seus laços com o espaço campestre.

Os dois poemas, “Lembrança rural” e “Idílio”, apresentam de maneiras distintas a geograficidade de cada eu-lírico pelo espaço campestre/ rural. Enquanto o primeiro mostra-nos, claramente, de forma panorâmica, um campo de fato rural, com o qual o eu-lírico lentamente envolve-se com o espaço, o segundo – podemos afirmar – é a predominância do sentido campestre, vital para o eu-lírico, já que ele é atraído pela força com que a Terra o chama. “Lembrança rural” opõe-se diretamente ao espaço citadino, pois o eu desse poema almeja a paz e o sossego do campo; “Idílio” constitui-se numa entrega plena do ser ao espaço. São geograficidades que renascem pela memória, visto que a experiência espacial reivindica em algum instante as lembranças vividas em um dado espaço ou lugar.

Salientando outra face do espaço campestre/ rural, o poema “Trabalhos da terra”, igualmente presente no livro *Vaga música*, destoa dos poemas já analisados acima, posto que o eu-lírico não busca reencontrar a geograficidade (perdida), mas vive-a diariamente, com bonanças e adversidades:

Lavadeira de ternuras,
trago o peito atormentado
pelas eternas securas
de tanto campo lavrado.

Não foi sol por demasia,
água pouca, nem mau vento;
fôo mesmo da terra fria,
pobre de acontecimento.

Considerando os outonos,
mais valera ter dormido
– que, nos sonhos dos meus sonos,
tenho plantado e colhido.

Para lavar minha mágoa,
deram-me lande mais rica:

vem-me aos olhos nuvem d'água,
logo a canção frutifica.

Meu tempo mal empregado
foi canção da vida inteira,
sabida por Deus, o arado
e o peito da lavadeira.

(MEIRELES, 2001, p. 431-432)

Dedicado à poeta chilena Gabriela Mistral, da qual Cecília Meireles era amiga, o poema, a despeito do tom quase melancólico com o qual o eu-lírico expõe sua relação com o campo, evidencia a aceitação da vida no espaço campestre, isto é, o eu-lírico aceita a fisionomia do espaço geográfico e vive-o como paisagem, porque esta “não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2011, p. 32). A estrutura do poema carrega em si a cumplicidade do eu-lírico com o campo, pois as rimas complementam-se, unindo o trabalho no campo à atividade criativa – possivelmente a poética. Viver nesse espaço geográfico incide no hábito de “colher” as experiências e transformá-las em criação do intelecto, explícito nas três últimas quadras por meio das palavras “sonhos” e “canção” e das metáforas com palavras ligadas ao trabalho campestre. Efetua-se o que tanto Tuan discute em *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência, a relação intrínseca entre sentimento e pensamento nas vivências do ser humano com seus espaços e, conseqüentemente, seus lugares.

No título do poema, a palavra “terra” aparece com a inicial minúscula, no entanto, ao longo do poema, percebemos que a “terra” congrega certa potência, pois, conforme dizemos, o eu-lírico está enraizado no espaço campestre, havendo uma geograficidade sincera entre ser e espaço. Por haver tal potencialidade, cuja característica experiencial da materialidade espacial resvala na experiência da criação – colhendo o eu-lírico as experiências de um trabalho (da terra) e transpondo-as, por outros meios, para outro trabalho (o dos sonhos e da canção) –, podemos entender a terra do poema como entende Dardel (2011), grafando-a com inicial maiúscula (Terra), visto que representa a completude terrestre com todos os seus elementos e espaços.

A afirmação “foi mesmo de terra fria,/ pobre de acontecimento”, malgrado o seu negativismo relacionado ao “tormento” do eu-lírico, não afasta a geograficidade existente entre ele e o campo, subjazendo um laço forte entre ser e Terra. O eu-lírico é todo espaço campestre, porque seu estado de espírito e seu ato criativo espelham a atmosfera campestre. A última quadra sintetiza, com uma fina ironia no primeiro verso, o quanto sua existência de trabalhador duplo estabeleceu-se desde cedo e estendeu-se por toda a sua vida.

4 Conclusão

Um mesmo espaço e três experiências distintas. O ser humano é substancialmente espaço, haja vista sua necessidade para que o homem estabeleça relações temporais, sentimentais etc. A Geografia Humanista Cultural tem-nos mostrado, por meio da interdisciplinaridade com as mais variadas áreas do conhecimento, o poder que o espaço possui em nossas experiências diárias. Portanto, ao propor a reflexão sobre o espaço nos três poemas, iluminamos uma perspectiva cuja base é a experiência poética que busca a geograficidade ou vive-a, reconhecendo-a também nas vicissitudes do espaço.

Mesmo que os espaços nos poemas sejam qualificados como “campo”, é consenso a unicidade de cada um. Em “Lembrança rural”, há toda uma vida humana que se move em harmonia com a tranquilidade espacial, refletindo-se no tempo. O poema parece igualmente seguir tais aspectos, pois constitui-se de um ritmo pausado com uma harmonia delicada. O poema “Idílio”, apesar de aproximar-se de “Lembrança rural”, encaminha-se a uma geograficidade na qual a natureza é mais pulsante no eu-lírico, é o chamado da Terra por meio de seus elementos mais ímpares e simbólicos. “Trabalhos na terra”, distanciando-se dos poemas anteriores, possui o vigor da dupla experiência do eu-lírico, o que demonstra que a geograficidade é sentir e viver a Terra em todas suas características. É saber-se unido e cúmplice dela, mesmo que pareça, nas palavras, o contrário.

A Terra, por meio do espaço campestre, está nos três poemas. Ela chama-os para a experiência da vida, porque “o espaço terrestre aparece como condição de realização de toda a realidade histórica, que lhe dá corpo e assinala a cada existente o seu lugar. É a Terra que, podemos dizer, *estabiliza a existência*” (DARDEL, 2011, p. 43). Cecília Meireles de alguma maneira tentou, nesses poemas e, obviamente, em outros, expor essa estabilidade, numa busca pelas experiências que o mundo pode oferecer, fazendo dele “matéria de puro canto, apreendendo-o em sua inexorável mutação e eternizando a beleza precívvel que ilumina e se consome” (DAMASCENO, 1972, p. 19). O espaço campestre concede, nos três poemas, tal estabilidade, agindo em cada eu-lírico num impulso de busca, de chamado por um estado cúmplice, o que permite que (re) encontrem ou saibam-se imersos numa genuína geograficidade.

The rural or campestrial space in the cecilian poetic

ABSTRACT

Until Romanticism began, the rural or campestrial space was greatly explored by the poets. However, it weakened as a spatial element of the poetic making with the advent of the modern era, especially with the emergence of Modernism in the XX century, in which the city is the space chosen to situate the poet's experiences. In face of this modern poetry framework, the present study aims at analyzing the experiential relationship of the Cecilian I with the rural or campestrial space to evidence that, despite the great interest of the modernists regarding the urban atmosphere, a few poets, such as Cecília Meireles, knew how to explore themes already consecrated by literature. Cecília Meireles' poetry, as highlighted by Damasceno (1958), dexterously transits between tradition and modernity, thus, according to Mário de Andrade (1958), conferring it elitism and enabling her to choose with rare independence whatever fits better to her lyrics. The rural or campestrial space has great relevance to the Cecilian lyrics and is seminally rescued in the *Romanceiro da Inconfidência* (1965). To analyze the experiential relationship between the Cecilian I with this space, Cultural Humanistic Geography studies are greatly relevant, since the "geographicity" concepts coined by Eric Dardel (2011), and of "topophilia" according to the experiential perspective of Yi-Fu Tuan (2012; 2013), we can realize in which way the Cecilian I experiences the rural or campestrial space. It is worth noting that, besides highlighting the space concept, we will also discuss the "landscape" concept, which embraces all spaces studied by Dardel, since "the landscape is the geography comprehended as what is around men, such as the terrestrial environment" (2011, p. 30). It is in the landscape that the Men can discover to be intimately connected to Earth and inhabit it. Therefore, in function of the interdisciplinary character of literature, geography, and philosophy, especially phenomenology, our study aims at investigating this relationship that emerges in the Cecilian poetry.

Keywords: Rural or campestrial space. Landscape. Cecília Meireles. Cultural Humanistic Geography.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. Em face da poesia moderna. In: MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. Seis ensaios sobre paisagem e geografia. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

DAMASCENO, Darcy. Poesia do sensível e do imaginário. In: MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: **Espaço e cultura – edição comemorativa (1993-2008)**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, p. 137-147, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

_____. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SADLER, Darlene J. ABC de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

BIOGRAFIA

José de Mota de Souza

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, pesquisando os espaços geográficos na poesia de Cecília Meireles. Participa do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT (UFMA). Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão - FAPEMA com o projeto: “Espaço e memória em cena: um olhar sobre a ficção moderna e contemporânea de língua portuguesa de autoria feminina”.

Márcia Manir Miguel Feitosa

Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa: Discurso, Literatura e Memória e em Cultura e Sociedade da UFMA, Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais. Líder do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura - GEPLIT. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa.